

Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Caramuru, Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo

Elizana Schaffel Bremenkamp (Faculdade Saberes/Vitória-ES)

Edenize Ponzo Peres (UFES)

Erineu Foerste (UFES)

RESUMO: Esta pesquisa sociolinguística objetiva investigar a manutenção da língua pomerana falada há mais de 150 anos em Caramuru, zona rural de Santa Maria de Jetibá/ES. Para tanto, valemo-nos da Observação Participante e de entrevistas a 40 informantes nascidos e residentes na localidade, classificados de acordo com seu gênero/sexo, faixa etária e escolarização. Os resultados evidenciam que os fatores de manutenção considerados objetivos, na literatura do Contato Linguístico, não conseguem explicar a longa existência dessa língua de imigração. Portanto, faz-se necessário investigar os fatores subjetivos, como os sentimentos de identidade e de lealdade ao grupo e à língua por parte dos falantes, para explicar o fenômeno.

Palavras-chave: Contato linguístico pomerano e português; Imigração pomerana no Espírito Santo; Manutenção/substituição de línguas minoritárias.

Introdução

Neste estudo, dedicamo-nos a analisar a situação sociolinguística do pomerano em contato com o português no Espírito Santo, a fim de verificar como ocorreu o processo de manutenção dessa língua.

A história da imigração pomerana remonta ao início do século XIX, quando a Pomerânia, assim como a Europa, atravessava uma grave crise socioeconômica e quando o Brasil precisava de trabalhadores para substituir a mão de obra escrava e para ocupar seus vazios demográficos.

A Pomerânia, extinta do mapa desde a Segunda Guerra Mundial, situava-se entre os atuais países da Alemanha e da Polônia. Segundo Rölke (1996), aquela região foi, durante séculos, palco de inúmeras batalhas e guerras, sendo alvo constante de invasões de povos vizinhos, que cobiçavam não somente as terras férteis de uma parte da província, mas também a saída estratégica para o mar Báltico. No século XIX, à época da emigração, a província pertencia ao Reino da Prússia e vivia turbulentas mudanças socioeconômicas. A introdução da reforma agrária, a partir de 1807, a crescente industrialização, inclusive no ramo agrícola, e o excesso populacional instalaram o desemprego e a fome, que, aliados à pouca qualificação do homem do campo, deixou muitos sem esperanças.

Outro fator que impulsionou a emigração foi a proposta do Rei Frederico Guilherme III, em 1817, de unir a Igreja Luterana à Igreja Reformada, visto que ambas estavam presentes nas províncias prussianas. A união, que visava à uniformização litúrgica, provocou discussões acirradas, pois a Província Prussiana da Pomerânia, que era luterana em sua quase totalidade, não estava disposta a abrir mão de sua tradição e convicção religiosas. Assim, a vontade de expressar livremente sua fé e ainda a procura por uma vida melhor, levaram milhares de pomeranos a emigrar. Seus principais destinos foram a América do Norte e o Brasil. Neste país, dirigiram-se para os estados do Sul e para o Espírito Santo.

De acordo com o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES, 2013), o estado recebeu, ao longo do século XIX, mais de 40.000 imigrantes, a maioria europeia. Entre eles estavam 3.933 alemães¹, ocupando, com esse total, a segunda posição no ranking dos países mais bem representados numericamente, ficando atrás somente dos italianos, os quais somaram 32.900 pessoas. O grupo dos alemães era bastante diverso, no que tange à região de origem e à língua, embora a maioria fosse constituída de pomeranos.

Ao todo, quase 2.500 pomeranos vieram para o Espírito Santo. Isso não é um quantitativo expressivo, haja vista que o estado contava com mais de 24.000 mil habitantes em 1820 (OLIVEIRA, 2008). Ao chegarem ao estado, foram assentados na colônia de Santa Leopoldina, hoje território do município de Santa Maria de Jetibá, uma área de mata virgem e desabitada, como outras da região central do estado.

Anos depois, esses imigrantes se arriscaram novamente nas florestas e começaram a ocupar as chamadas *terras quentes*, ao norte: Pancas, São Gabriel da Palha e Vila Pavão. Os milhares de imigrantes pomeranos enfrentaram toda a sorte de adversidades nos primeiros anos, os quais, segundo Jacob (1992) e Tressmann (2005), foram extremamente difíceis, diante da falta de ferramentas adequadas para o desmatamento da floresta nativa, do desconhecimento do idioma, da distância dos centros urbanos, do isolamento e da falta de assistência médica, escolar e religiosa.

Hoje, depois de mais de um século e meio de sua chegada, esse povo já soma cerca de 120 mil pessoas no Espírito Santo (TRESSMANN, 2005). Atualmente, apesar de a maioria dos descendentes de imigrantes ainda se dedicar ao cultivo da terra, sua vida está muito melhor do que quando chegaram. Eles trabalham na própria terra, moram em casas de alvenaria, têm meios de transporte próprios, e muitos têm caminhões para levar suas produções agrícolas e comercializá-las nos grandes centros urbanos.

Quanto à língua e à cultura, durante os anos em que durou o processo migratório, elas foram alimentadas com novas levas de imigrantes, os quais renovavam as esperanças de vitória na terra estrangeira e ajudavam a preservar as lembranças dos mais antigos, que já estavam no Brasil, em alguns casos, há mais de uma década.

¹ O APEES contabiliza os imigrantes pomeranos e alemães num mesmo grupo.

Praticamente extinta no seu local de origem (TRESSMANN, 2005; SCHUMM, 2013), a língua pomerana se manteve, no Espírito Santo, mesmo sob condições adversas de sobrevivência. Ela continua sendo falada pelo povo pomerano do estado, a despeito da *Lei da Terceira Geração* (WEINREICH, 1970 [1953]), lei esta que compreende a sistematicidade da substituição das línguas de imigração já na terceira geração dos descendentes de imigrantes.

Alguns estudos científicos analisam a manutenção da língua pomerana, tais como o de Tressmann (2005), que entende que, pelo fato de os imigrantes pomeranos serem numericamente superiores, eles absorveram os demais grupos germânicos em termos de língua e confissão religiosa. A validade dessa justificativa para a manutenção da língua pomerana é inquestionável, inclusive porque ela se coaduna com as pesquisas de diversos autores do Contato Linguístico (WEINREICH, 1970 [1953]; DE HEREDIA, 1989; APPEL & MUYSKEN, 1996; FASOLD, 1996; BAKER & JONES, 1998; GROSJEAN, 2001; MATRAS, 2009; etc.), mas, comparando o pomerano com outras línguas de imigração que chegaram ao estado na mesma época e sob condições bastante semelhantes, percebemos a fragilidade de certos argumentos, tendo em vista que, por vezes, um mesmo fenômeno contribui para ambos os processos, de manutenção e de substituição. Dessa forma, neste estudo, veremos que os fatores subjetivos são fundamentais para que um grupo minoritário conserve sua língua.

1. Procedimentos metodológicos

1.1. A coleta de dados

A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas e da Observação Participante, como descrito a seguir.

1.1.1. As entrevistas

Como dissemos, o objetivo principal desta pesquisa é analisar o processo de manutenção do pomerano na comunidade de Caramuru, município de Santa Maria de Jetibá.

Pelo fato de uma autora do presente trabalho ser pomerana, falar essa língua e pertencer à comunidade sob estudo, foi possível conseguir a confiança dos entrevistados e obter bons dados. Para essa coleta, foi elaborado um questionário semiestruturado com 66 perguntas, a fim de que se fizessem os ajustes necessários a cada informante e de poder-se computar cada resposta dada por eles.

As entrevistas foram feitas majoritariamente na língua pomerana e variaram de 15 minutos, com um informante jovem, a mais de uma hora, com os idosos. Isso se deve, entre outras coisas, ao fato de se ter respeitado a vontade e a dinâmica de conversação dos entrevistados. Basicamente, os mais jovens foram mais sucintos em suas respostas, pois não conheciam maiores detalhes da história pomerana. Já os mais velhos sentiram necessidade de contar fatos e de pensar nas mudanças ocorridas na comunidade.

As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, pois, além de ficarmos mais livres para conduzi-las, esse tipo de registro possibilita a entrevista em grupo, adotada nesta pesquisa. Como o aparelho não emite nenhuma luz ou som, em pouco tempo os informantes se esqueciam dele. Assim, foi mais fácil obter uma comunicação natural, conseguindo minimizar o Paradoxo do Observador (LABOV, 2008 [1972]).

Por último, o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE* - foi assinado por todos os informantes, permitindo-nos fazer uso das informações levantadas.

1.1.2. A Observação Participante

A Observação Participante (OP) foi uma técnica bastante produtiva nesta pesquisa. Segundo Martins e Theóphilo (2007, p. 85), "a significância de um trabalho dessa natureza [a OP] é evidenciada pela riqueza, profundidade e singularidade das descrições obtidas". Nossa opção por essa metodologia se justifica por vermos que não teríamos acesso a muitas informações significativas para o nosso tema, se utilizássemos unicamente as respostas das entrevistas. Quanto às questões formais da execução da OP, (1) não tivemos problemas em adentrar a comunidade e participar dela, visto que, como dissemos anteriormente, pertencemos a esse grupo; (2) não houve necessidade de pedir permissão para a observação, uma vez que trabalhamos com pessoas em situações ordinárias e na sua vida cotidiana real (JORGENSEN, 1989).

Os sujeitos observados foram escolhidos aleatoriamente. Para agrupá-los e fazer possíveis generalizações, valemo-nos de algumas características que os classificassem, tais como pais, mães e filhos; idade pré-escolar, jovem, casado, etc., que nos possibilitassem teorizar a situação e generalizar os informantes por meio de certas categorias socioculturais. Os registros e anotações foram feitos discretamente, logo após a observação, em cadernos pequenos.

O período de observação compreendeu os meses de janeiro a outubro de 2013. Ninguém sabia que estava sendo observado, pois promovíamos ou observávamos conversas sem aparente interesse, em diferentes grupos etários e em diversas situações, que variavam de acordo com seu grau de formalidade (+ ou - formais), como descrito a seguir.

(+) FORMAL. Nesta categoria estão alocadas as situações nas quais se segue algum rito, e a fala, se existe, é monitorada.

i. **Encontros religiosos.** Sob este título, abrigamos diversas situações nas quais havia maior formalidade, dados o ritual da igreja e a presença do pastor. Foram observados: encontros de mulheres e de casais, cultos e estudos bíblicos (realizados na casa de membros da comunidade).

ii. **Rotina escolar.** Visitamos a escola situada no centro de Caramuru, a fim de verificar como está o prestígio do pomerano em relação ao professor, que, por muitos anos, proibiu o uso dessa língua, além de verificar se, fora do horário das aulas, é usado o pomerano.

iii. **As conversas pré e pós-entrevistas.** Quando propúnhamos a gravação de uma entrevista, observávamos a postura, o comportamento e as colocações que o informante fazia antes e depois da gravação.

(-) FORMAL. Nesta categoria estão alocadas as situações em que prevalecia a fala espontânea.

i. **Festas de casamento e de igreja.** Durante as festas na comunidade, observávamos o comportamento linguístico dos grupos que se formavam, de acordo com sua faixa etária.

ii. **Reuniões familiares.** Aqui estão incluídas as conversas entre familiares que se visitam ou se falam por telefone. Incluímos também o dia a dia de algumas famílias com as quais conseguimos estar durante seus afazeres cotidianos.

iii. **O comércio.** Observamos o centro comercial de Caramuru, pois queríamos verificar como se dão as relações de compra e venda e de prestação de serviços. Nosso interesse maior, nessa observação, era o de investigar o impacto das recentes iniciativas políticas de adoção do pomerano no comércio e os usos das línguas pomerana e portuguesa nesse ambiente.

Cada uma dessas situações foi observada por mais de uma vez e, com isso, os sujeitos foram variando, fato que nos ajudou na organização e generalização das informações obtidas. Achamos que todas essas situações são de algum modo uma boa representação da rotina da comunidade.

1.2. A localidade

Dentre as mais de cinquenta comunidades de Santa Maria de Jetibá, a localidade escolhida para esta pesquisa foi Caramuru, que dista 20 km da Sede e cerca de 80 km de Vitória, a capital do estado. Trata-se de uma comunidade cuja população é composta majoritariamente por descendentes de imigrantes pomeranos, que trabalham principalmente na agricultura familiar.

Caramuru se localiza em um vale cercado por morros e colinas, com muitos fragmentos florestais no entorno. Exceto no pequeno centro, as casas e propriedades estão bastante divididas no espaço geográfico; entretanto, apesar das distâncias, praticamente todos os moradores se conhecem.

Por outro lado, a comunidade também apresenta traços urbanos: a principal via de acesso ao lugar é asfaltada; há uma torre de telefonia celular e rede de internet – apesar de serem poucos os que têm acesso a esses recursos. Ela conta ainda com um banco, três mercados, duas lojas de roupas, duas padarias, um posto de combustíveis, um laboratório clínico, uma loja de material de construção, um restaurante, três salões de beleza, uma escola estadual de ensino fundamental e médio, uma pré-escola, um posto médico e uma clínica odontológica. Também está instalado em Caramuru o escritório de uma avícola, a qual emprega muitos trabalhadores assalariados: catadores, classificadores e embaladores de ovos, motoristas etc.

Apenas os médicos, dentistas e enfermeiros residem fora da comunidade; no entanto, o contato com *outsiders* não se resume a eles. Os moradores de Caramuru vão frequentemente ao centro de Santa Maria de Jetibá realizar consultas médicas especializadas e fazer compras. Também os produtos cultivados na zona rural são levados à CEASA-ES (Centrais de Abastecimento do Espírito Santo S.A.), a fim de serem comercializados. Assim sendo, o contato de muitos homens com a região metropolitana de Vitória é semanal.

Em suma, apesar de Caramuru ser uma comunidade rural, seus moradores mantêm contato crescente com a língua portuguesa, o que poderá ser um desafio para a manutenção da língua e das tradições pomeranas.

1.3. Os informantes

Nesta pesquisa, todos os informantes selecionados são descendentes de pomeranos, classificados de acordo com sua faixa etária, nível de escolaridade e gênero/sexo. Em princípio, planejávamos dividir os informantes de acordo com a geração de imigrantes a que os entrevistados pertenciam, mas isso não foi possível, pois a maioria deles, sobretudo os mais jovens, desconhece essa informação. Assim, optamos por analisar os dados utilizando-se a faixa etária de nossos sujeitos. No entanto, o termo *geração* aparece em nossa análise, pois decidimos usar a medida que diz que uma geração compreende vinte anos (cf. CHAMBERS; TRUDGILL, 1994).

Ao todo foram realizadas 40 entrevistas válidas. Os informantes foram classificados de acordo com quatro faixas etárias: 11 informantes de 09 a 13 anos (Grupo-I); 10 informantes de 14 a 30 anos (Grupo-II); 08 informantes de 31 a 55 anos (Grupo-III); e 11 informantes com mais de 55 anos de idade (Grupo-IV). No primeiro grupo estão as crianças em fase escolar até a Confirmação, rito religioso que marca a passagem da infância para a vida adulta. No segundo grupo estão os adolescentes e jovens. Depois da Confirmação, o jovem, então com média de 14 anos, está habilitado a

namorar, casar e ser padrinho/madrinha, entre outras coisas. Nesse grupo também se encontram os adultos casados. A confirmação e o casamento são rituais de passagem muito importantes na comunidade e precisam ser levados em consideração, quando da divisão das faixas etárias. No terceiro grupo encontram-se os adultos que estão na sua fase laboral, mais estável. E, no quarto, os aposentados.

Os informantes também foram divididos quanto ao gênero/sexo - feminino e masculino - e a escolaridade - 0 a 4 anos, 5 a 8 anos e mais de 8 anos de escolarização; entretanto, não foi possível encontrar, no G-IV, ninguém com mais de 4 anos de escolaridade e, no G-III, não foram encontradas pessoas com mais de 8 anos.

Após a realização das entrevistas, elas foram transcritas e, posteriormente, analisadas.

2. A língua pomerana do passado ao presente: elucidando os fatores de manutenção da língua de imigração

Como dissemos, pretendemos saber por que o pomerano continua a ser falado até hoje, resistindo à Lei da Terceira Geração (cf. WEINREICH, 1970 [1953]). Obviamente, não conseguiremos analisar todos esses anos de (trans)formação étnica e histórica, mas, por meio das entrevistas colhidas e das observações feitas, pudemos entender o desenvolvimento da comunidade nos últimos anos. A fim de alcançar nosso propósito, inserimos, no roteiro de entrevista, perguntas como as seguintes:

- a) *O pomerano continua sendo a primeira língua das crianças?*
- b) *Ele já foi mais falado do que é hoje ou ele é falado hoje em dia tanto quanto antigamente? Fala-se tanto em público quanto em casa?*
- c) *Você acha importante falar pomerano? E o português?*
- d) *Você acha que, se o pomerano deixasse de ser falado, faria alguma falta?*
- e) *Em sua casa, todos falam pomerano? Vocês falam só pomerano em casa ou também usam o português?*
- f) *Qual é a sua língua do coração?*
- g) *E o que acontece quando um dos pais não fala a língua? Os filhos normalmente aprendem qual?*
- h) *Havia uma língua mais usada que o pomerano, antigamente? Se sim, qual?*
- i) *A língua pomerana já foi proibida? Por quê? Como essa proibição afetou a língua e a cultura pomerana? E na sua família, houve algum impacto?*
- j) *Você já foi discriminado por falar pomerano? O que você pensou sobre isso? Você já discriminou alguém por não falar pomerano?*
- k) *Na sua época, todos falavam pomerano na escola? Vocês foram discriminados por falar pomerano? etc.*

A existência da língua pomerana até hoje, 150 anos após a chegada dos primeiros imigrantes, é uma história à parte. Dizer que o pomerano foi mantido por todo esse tempo é o mesmo que dizer que essa língua de imigração esteve em relativa estabilidade no que se refere ao número de falantes, à proficiência dos adultos e crianças e aos ambientes específicos que ocupa (BAKER; JONES, 1998). Portanto, durante esse século e meio, os descendentes dos imigrantes utilizaram-na nos domínios pessoais, sociais e culturais.

Analisemos, então, os fatores que promovem a manutenção e/ou a substituição de uma língua minoritária, comumente citados na literatura do Contato Linguístico.

A) Localização geográfica da comunidade

Segundo Weinreich (1970 [1953]), Fasold (1996), Baker e Jones (1998) e Grosjean (2001), entre outros, é mais fácil manter-se uma língua de imigração em regiões rurais porque a área rural é mais isolada e, portanto, menos influenciada pelo mundo moderno.

Höhman (2009; 2010) acredita que o isolamento dos imigrantes pomeranos do Espírito Santo foi determinante para a manutenção de sua língua. No entanto, pensamos, com base nos estudos sobre identidade e etnicidade, que apenas o isolamento e o menor contato com a língua majoritária não explica essa manutenção. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart (1998) e Appel e Muysken (1996), a assimilação e a aculturação não são consequências inevitáveis do contato intergrupar. Ao contrário, a modernidade despertou não só a "emergência de identidades particularistas" (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 28), mas também viabilizou a difusão de técnicas de militância. Assim, entender nossa identidade e lutar por ela compreende necessariamente conhecer o *Outro*.

Foi apenas em 1988 que Santa Maria de Jetibá tornou-se município e foi a partir dessa data que a região começou a receber mais brasileiros; também o comércio e instituições governamentais (escolas, hospitais, prefeitura) chegaram, o que requeria pessoas qualificadas e falantes do português. Há duas décadas e meia vem ocorrendo um crescente processo de urbanização, intensificado nos últimos anos. E a urbanização, como sabemos, não ocorre como um fenômeno isolado. Ela requer novos comportamentos, aposta em formas de viver mais modernas e disponibiliza empregos e trabalhos que exigem qualificação. Devido à grande movimentação causada pela chegada intensa do *modus* urbano, no sentido de reorganizar a vida social, ética, demográfica e trabalhista da comunidade, haveria um favorecimento da substituição do pomerano pelo português. Entretanto, pelo fato de a urbanização ter-se dado apenas no final dos anos 1980, entendemos que esse isolamento realmente favoreceu a manutenção da língua pomerana.

B) O tamanho da comunidade e o número de falantes.

Outro fator social que favorece a manutenção de uma língua minoritária é o tamanho da comunidade. Com relação à dimensão do grupo pomerano e sua concentração, somente no princípio eles ajudaram a manter a língua pomerana. Em primeiro lugar porque os imigrantes foram colonizadores² daquela pequena comunidade e, em segundo lugar, porque ali eles, embora fossem numericamente poucos, eram a expressiva maioria.

Grupos pequenos e dispersos são fortemente propensos a abandonar uma língua de imigração (GILES *et al.*, 1977; BAKER; JONES, 1998; GROSJEAN, 2001). Já sabemos que 2.400 imigrantes pomeranos vieram para o Espírito Santo, e esse total representava uma parcela muito pequena da população. Esse fato não seria capaz de favorecer a manutenção. Em contrapartida, a formação das ilhas linguísticas, dada a concentração pomerana em determinados pontos do território espírito-santense, foi benéfica, pois, apesar de serem poucos, estavam juntos, o que ajudava a sua organização social.

A despeito da falta de políticas públicas de inclusão para os imigrantes e dos estereótipos criados pela mídia, os pomeranos, que não gostavam de atrair holofotes sobre si mesmos, tiveram que unir-se mais, ajudar-se e desenvolver-se, para garantirem seu lugar. Apesar de o preconceito trazer consequências muito negativas para as vítimas, ele uniu ainda mais esses imigrantes.

C) A religião.

Um terceiro fator propiciador da manutenção linguística é a religião do país receptor; entretanto, o catolicismo, religião oficial do Brasil, não foi adotado pelos pomeranos, que, a propósito, vieram salvar seu luteranismo e mantê-lo conforme a tradição requeria. A religião luterana e os pomeranos mantêm uma relação inseparável, mas a língua da igreja luterana no Espírito Santo não era o pomerano, e sim o alemão padrão. Assim, para explicar essa relação, voltemo-nos à função desempenhada pela igreja, a qual é um ambiente fundamental na vida de uma pequena comunidade. No caso específico dos pomeranos do Espírito Santo, a igreja atuou e atua na criação de um imaginário comum e ajuda a sustentá-lo (BAHIA, 2011 [2000]).

Dessa forma, mesmo que o pomerano não tivesse sido a língua da igreja, nessa instituição os falantes mantiveram sua unidade pautada na diferença entre eles próprios

² Qualificamos os pomeranos como colonizadores devido à situação de serem os primeiros habitantes de Santa Maria de Jetibá.

e os *outsiders*. Esse imaginário sustentado pela igreja passa pela atribuição do adjetivo *trabalhador* para os imigrantes e pela fé e ética dos luteranos-pomeranos. Dessa forma, o que ocorre basicamente é que a igreja qualifica o pomerano como um ser de bem, e os imigrantes o tomam para si. Aqui, elementos culturais e religiosos se misturam.

A religião é, também, um forte fator de oposição dos pais aos namoros e casamentos dos filhos com jovens de outros grupos étnicos, como mostra o excerto a seguir³.

Excerto 01	Excerto 01 - Tradução livre
Entrevistadora: Oiwer dai hoctijd, wou wäir dat dun, kün man dun frijge mit wem man wul urer däire dai fäter un muter dat uutsuike? Kün dat air swart sin urer air katoulisch? Wou wäir dat?	Entrevistadora: Sobre os casamentos, como era outrora, podíamos casar com quem quiséssemos ou os pais é que escolhiam [o cônjuge]? Podia ser um negro ou católico? Como era isso?
HGH (51,4,F): Dai sääre airste ümer, dai airste lüür dat wäir ümer uutsögt woure. Dai hare müst sou neeme as sai, as dai ule uutsögt hare. Dai kiner hare müst sou frijge as dai ule dat uutsögt hare, hare sich küt kaine uutsuike.	HGH: Eles sempre falavam que para os primeiros isso era escolhido. Eles tinham que aceitar como eles, como os mais velhos tinham escolhido. Os filhos tinham que aceitar como os pais escolhiam, antigamente, eles não podiam escolher.
Entrevistadora: Kүүüne dat katoulisch sin urer swarte?	Entrevistadora: Podiam ser católicos ou negros?
RHF (51,3,M): Düst uk ni, nei.	RHF: Também não podia, não.
HGH: Düst uk ni. Dat is já nog gâr ni seir lang heer, as's dat ni laite.	HGH: Também não podia. Isso não faz nem muito tempo que eles não deixavam.
Entrevistadora: Na já.	Entrevistadora: É.
HGH: Wat dår richtig hijner an wäire... bet hüüt já nog , wat richtig starke sin, lâte bet hüüt já nog ni, nei... sou ine katoulische kirche frijge urer sou.	HGH: Os que estavam bem firmes... até hoje ainda, os que são bem rígidos ainda hoje não [deixam]... assim casar na igreja católica ou coisa parecida.

Excerto 1: Trecho de entrevista com informantes do G-IV.

Pelo depoimento acima, não é difícil entender a tendência endogâmica dos casamentos pomeranos; entretanto, ultimamente, com a urbanização do município e a diversificação e aumento populacional, vêm crescendo o número de uniões com

³ A revisão ortográfica dos depoimentos em pomerano seguiu a proposta de Tressmann (2005; 2010).

brasileiros e descendentes de italianos, principalmente. Quando isso ocorre, observa-se que alguns tornam-se luteranos; entretanto, na língua, nem sempre acontece de o pomerano ser adotado. No entanto, ainda se condena o indivíduo que renuncia aos valores essenciais do grupo (BAHIA, 2011 [2000]).

De fato, os casamentos entre diferentes etnias comprometem o "grau de fechamento" (BLOM; GUMPERZ, 2002 [1972], p. 60) do grupo, pois, nesses matrimônios, frequentemente são as línguas de maior prestígio que sobrevivem, independentemente se é a da mãe ou do pai, como no caso dos holandeses do Espírito Santo (SCHAFFEL, 2010). Sabemos que "[...] la familia es el ámbito más importante del uso lingüístico [...]" (APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 57). Sendo assim, esse domínio é crucial para a manutenção do pomerano. Para que o português não tome esse domínio, é preciso que se acredite no bilinguismo aditivo, em que a introdução da L2 não preveja a saída da L1. Em suma, o lar e a igreja são, portanto, domínios essenciais para a manutenção de uma língua e uma cultura minoritária. São eles que repassam às crianças todos os valores e tradições acumulados e prestigiados pelo seu grupo.

D) O apoio institucional às línguas minoritárias.

Outro fator primordial para a manutenção de uma língua de imigração é o apoio institucional que ela recebe, mas, no Brasil, elas foram proibidas, no Governo de Getúlio Vargas. Entretanto, essa falta de apoio institucional, que foi prejudicial à manutenção das demais línguas minoritárias do Espírito Santo, parece não ter afetado o pomerano. Uma informante assinalou essa resistência: em público não se podia falar pomerano, mas, em casa, não havia ninguém que impedisse.

Excerto 02	Excerto 02 - Tradução livre
<p>Entrevistadora: Un den... Dun as duu klain wäist däist duu... däire dai ales meist up Pomerisch sou, dai lüür... dat fortele?</p>	<p>Entrevistadora: E... quando você era pequena você... as pessoas falavam mais em pomerano?</p>
<p>MB (71,0,F): Uhum. Ales up pomerisch... Un dun ais, dai tijd as wäst wou ik gans klain wäst bün, kijk as dun wäire dai gruïn hemde rijne koome dun Hät düst kair Pomerisch reere.</p>	<p>MB: Uhum. Tudo em pomerano... E aí uma vez teve um tempo quando eu era bem pequena, aí tinha os camisas-verdes e ninguém mais podia falar pomerano.</p>
<p>Entrevistadora: Ah! Un in dijn familch is dat den uk...</p>	<p>Entrevistadora: Ah! E na sua família isso também...</p>
<p>MB: Já, mamai hät dat den ümer forteld. Kijk mamai is den, wen sai upm dans gäe wäir, urer... där weegen as air dans wäst un där har</p>	<p>MB: Sim, mamãe sempre contava. Quando mamãe ia aos bailes, ou... teve um baile uma vez e lá ninguém podia falar pomerano porque senão</p>

<p>düst kair pomerisch fortele, dai har's glik, wäir glik sequestrad woure.</p> <p>Entrevistadora: Maine Seit.</p> <p>MB: Un dun nâher is dat já werer weg wäst. Dun is dat já werer foroiwer wäst dun häwe küüt dai lüür já werer Pomerisch reere.</p> <p>Entrevistadora: Åwer ine huus küüne jijj...</p> <p>MB: Já, t'huus já, kijk t'huus wäire já dai ni. Åwer dai Pomerische kirche sin dun sogår tau mokt woure.</p> <p>Entrevistadora: Já?</p> <p>MB: In dai tijd.</p> <p>Entrevistadora: Un dai praistes un souwat uk ales...</p> <p>MB: Ales preise noome woure dai häwe küüt kair Düütsch meir...</p> <p>Entrevistadora: Un dun wou häwe daí dat dun mokt?</p> <p>MB: Nâher häwe's dat werer... ales üm, dun is dat werer ales foroiwer wäst. Dat is ni lang wäst.</p>	<p>era logo sequestrado.</p> <p>Entrevistadora: Meu Deus.</p> <p>MB: E depois isso acabou de novo. Depois isso passou e as pessoas podiam falar pomerano de novo.</p> <p>Entrevistadora: E em casa vocês podiam...</p> <p>MB: Sim, em casa sim porque eles não estavam lá. Mas as igrejas pomeranas foram fechadas naquela época.</p> <p>Entrevistadora: Ah é?</p> <p>MB: Naquela época.</p> <p>Entrevistadora: E os pastores e tudo isso também...</p> <p>MB: Foram todos presos e não podiam mais falar alemão...</p> <p>Entrevistadora: E como eles faziam então?</p> <p>MB: Depois eles... tudo, aí tudo passou. Isso não durou muito tempo.</p>
--	--

Excerto 2: Trecho de entrevista com informante do G-IV.

Apesar da ameaça e do medo dos pomeranos diante dessa proibição, é nítida sua resistência e persistência em manter sua língua. Esse afincamento que os move é talvez um dos mais importantes fatores para a manutenção linguística.

A escola, em contrapartida, "ensina tudo aquilo que 'não lhes interessa' e que no futuro 'levará seus filhos para a cidade'" (BAHIA, 2011 [2000], p. 176) e a desprezar suas raízes. Acreditando nisso, muitos pais deixavam seus filhos estudarem apenas para aprender a ler e escrever. Devido a essa forma de pensar, a evasão escolar era muito alta, no município. Com a baixa escolaridade, muitos não aprendiam quase nada de português.

<p>Excerto 03</p> <p>Entrevistadora: Wäir dat dun seir streng, sou as wen jii ine schaul günge, küüne jii kair platdüütsch reere, kair pomerisch, blous brasiliänisch, wäir dat sou urer?</p> <p>LZ (71,3,F): Sou, wij hare ain swart schaulleiresch, sai naim dat sou an as dat wäir. Fortele düste dai kiner já ni ine schaul dai müste já stil sijte, grâr wen dai leese däire, [nij taum fajtân] müste já ale gans stil sijte... un wek däire den uk bal leire... brasiliänisch fortele un:::</p> <p>Entrevistadora: Äwer sai däir blous brasiliänisch fortele urer däir sai uk pomerisch fortele?</p> <p>LZ: Sai däir blous brasiliänisch fortele.</p>	<p>Excerto 03 - Tradução livre</p> <p>Entrevistadora: Isso era muito rígido, naquela época, quando vocês iam para a escola, vocês podiam falar em pomerano ou só brasileiro, era assim ou?</p> <p>LZ: Assim, nós tínhamos uma professora negra, ela aceitava a situação como era. As crianças não podiam conversar dentro da sala, tinham que ficar sentados e calados, exceto quando liam [incompreensível], tinham que ficar calados... e alguns também aprendiam logo... a falar português e :::</p> <p>Entrevistadora: Mas ela só falava português ou também falava pomerano?</p> <p>LZ: Ela só falava português.</p>
--	--

Excerto 3: Trecho de entrevista com informante do G-IV.

De fato, uma escola que valoriza exclusivamente a língua e a cultura dominantes desfavorece a manutenção de uma língua minoritária. Então, se as crianças estudavam por poucos anos, as chances de se manter a língua de imigração eram grandes; entretanto, atualmente, muitas crianças já se propõem a estudar mais, a frequentar o Ensino Médio e até cursar uma faculdade. Pelas nossas observações, tivemos a oportunidade de constatar o aumento substancial da escolarização dos pomeranos.

5) Status econômico e social dos falantes da língua minoritária.

O *status* econômico e social dos grupos que falam a língua minoritária também é relevante para a manutenção linguística. Giles *et al.* (1977) acreditam que a língua minoritária é afetada negativamente, se seus falantes pertencerem à classe baixa. E, em tempos de modernização, segundo esses autores, as línguas minoritárias tendem a sofrer um duplo estigma: seus falantes são considerados, além de pobres, tradicionais e antiquados, incapazes de suportar a realidade econômica moderna.

Os pomeranos que emigraram eram praticamente todos pobres e, durante muitos anos, no Brasil, assim permaneceram. Todavia, o trabalho incessante deu a eles melhores condições de vida. Nesse sentido, a qualidade de imigrante trabalhador dá aos

descendentes de pomeranos um *status* social positivo. Isso os mobiliza e os inspira a se agruparem e se valorizarem: conseguiram alcançar o que tiveram que buscar do outro lado do Atlântico. Portanto, considerar-se vencedor acabou por valorizar seu modo de ser, sua cultura e sua língua.

6) A dissimilaridade cultural entre os imigrantes e o país receptor.

Outro fator apontado como favorecedor da manutenção linguística é a dissimilaridade cultural dos grupos envolvidos. Segundo Fishman (1979; 1999) e Appel e Muysken (1996), a dissimilaridade cultural ajuda na preservação das línguas minoritárias, pois, quando as culturas são semelhantes, há uma tendência maior à miscigenação e, portanto, à substituição linguística. No caso dos pomeranos, a língua e a cultura, de um modo geral, são muito diferentes das do povo brasileiro, o que deixava a língua de imigração mais propensa a se manter.

Até aqui, vimos os fatores favorecedores da manutenção - ou da substituição - linguística apontados na literatura do Contato de Línguas e chegamos à conclusão de que somente esses fatores não conseguem explicar a permanência do pomerano em Caramuru, Santa Maria de Jetibá. Como favorecedores da manutenção, temos apenas quatro: a localização da comunidade na zona rural, o grande número de casamentos endogâmicos, a religião, e a dissimilaridade cultural. Por sua vez, temos um número muito expressivo de fatores de substituição: número pequeno de imigrantes; interrupção das imigrações; migração interna; imigração definitiva, sem ideia de retorno à pátria de origem; vontade de ascender socioeconomicamente; crescente processo de urbanização; aumento da escolarização; número expressivo de casamentos exogâmicos, atualmente; a pobreza inicial; as campanhas de nacionalização; e o preconceito. Por essa lista, não é difícil entender por que tantas línguas de imigração com histórias parecidas com a do pomerano se perderam, como é o caso dos dialetos italianos (PERES, 2011a; 2011b; 2014) e do holandês (SCHAFFEL, 2010).

Se os fatores objetivos sozinhos não explicam a manutenção do pomerano, devemos buscar suas causas nos fatores subjetivos. Fishman (1979; 1999), De Heredia (1989, Grosjean (2001), Fought (2010) e Edwards (2010; 2011), entre outros, indicam que as atitudes linguísticas da comunidade ajudam a elucidar os processos de manutenção/substituição linguística. Dessa forma, importa-nos analisar as atitudes do grupo (1) para com o pomerano, (2) para com o português, (3) para com o bilinguismo e o biculturalismo e (4) para com o purismo linguístico. Também nos interessam (5) as atitudes do grupo majoritário para com o minoritário. Vamos, então, a essas questões.

As entrevistas realizadas e as observações feitas deixaram claro que 100% dos informantes são a favor do bilinguismo aditivo, isto é, da entrada do português no repertório linguístico da comunidade sem a saída do pomerano. No entanto, quando perguntados sobre a beleza e a utilidade de suas línguas, o G-III (de 31 a 55 anos) e o G-

IV (acima de 55 anos) não escondem sua admiração e apreço pelo pomerano, ao passo que o G-I (de 09 a 13 anos) e G-II (de 14 a 30 anos) mostram-se mais envolvidos com o português. Estes dois grupos, no entanto, concordam que, apesar de o português ser necessário, não se deve perder a língua de imigração.

O G-IV foi o único grupo que vê a mistura das línguas com preocupação - temem que ela se dê porque os jovens não queiram mais falar o pomerano. Os demais grupos veem a prática com naturalidade, como uma decorrência do bilinguismo. Entretanto, o G-I se sente menos competente no pomerano, pois acredita não conhecer todas as palavras que os mais velhos utilizam.

As atitudes do grupo majoritário para com o minoritário sempre foram pautadas no preconceito, inclusive linguístico. Sabemos que a língua pomerana foi considerada, por muito tempo, um dialeto em relação ao alemão padrão, sendo visto como 'um alemão errado'. Lembremos, entretanto, que a distinção entre língua e dialeto é essencialmente política, e o pomerano supre normalmente as necessidades comunicativas de sua comunidade de falantes.

Atualmente, especificamente nos últimos 5 anos, a escola, instituição da língua majoritária por excelência, abriu um pequeno espaço para o ensino da língua pomerana. Certamente, é cedo para avaliar suas implicações na ordem da manutenção, mas é inegável que mostra um avanço na autoestima do falante de pomerano e uma nova possibilidade de vê-lo como uma língua de prestígio.

Diante do exposto, percebemos que os fatores que contribuíram para a manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá são, em sua maioria, subjetivos. É verdade que a língua não foi prestigiada pela sociedade brasileira, mas conta com o apreço de seus próprios falantes. E são eles que decidem se falarão ou não a língua minoritária.

Também seria muito prejudicial o purismo, ou seja, dizer, por exemplo, que os pomeranos são contra a entrada do português na comunidade. Embora haja certa desconfiança com relação ao avanço do português, na forma de bilinguismo, eles são favoráveis à inclusão da língua majoritária. Todavia, acima de tudo, está a admiração e o envolvimento da comunidade para com a sua língua. Com obstinação eles pregam a manutenção do pomerano às futuras gerações, e essa consciência e luta em prol da língua é crucial para a sua manutenção.

O que se pode observar, diante de tudo o que expusemos, é que a questão central da manutenção linguística consiste na unidade identificadora e caracterizadora da comunidade linguística. Essa unidade deve ser capaz de manter a coesão do grupo, o qual deve ter atitudes favoráveis para consigo mesmo. Ao contrário do que possa parecer, a escolaridade e o contato com o *Outro* não são os fatores centrais da manutenção ou da substituição linguística, pois eles só prejudicarão a preservação da língua minoritária se não houver mais nenhum aspecto que identifique o grupo étnico, que o ligue, que o conecte aos demais membros do grupo e à sua língua. Acreditamos que os pomeranos podem e mesmo devem aprender a língua da nação acolhedora. Na verdade, atualmente isso é mais um aspecto de sua identidade. Afinal, eles não são

somente pomeranos; são espírito-santenses, são brasileiros, e essas características não os tornam menos pomeranos.

Concluindo, vale dizer que preservar uma língua de imigração não é tarefa fácil, pois muitas questões entram em jogo. Nesse processo, os fatores objetivos são importantes, mas não essenciais. A ligação que existe entre língua e falante é forte o bastante para resistir a essas pressões. No entanto, quando essa conexão se enfraquece, motivada, principalmente, pela subjetividade que atua sobre as atitudes e a(s) identidade(s) da comunidade linguística, aí quebra-se um elo: aquele falante não pertence mais ao universo daquela língua e daquela cultura, e vice-versa.

O excerto 02 dá-nos clareza da influência dos fatores externos, mas também nos mostra a força dos internos. Valorizada, a língua ganha *status* fora da comunidade, mas o principal para a sua manutenção é a transmissão intergeracional no âmbito familiar. Sendo assim, muitas vezes o valor que é conferido à língua fora da comunidade é um ganho complementar e importante, mas o valor dado a ela no âmbito da família é seu meio de sobrevivência. Então, nesse espaço, o do lar, deve haver uma intervenção no sentido de ajudar e aconselhar a família sobre a importância de se repassar sua língua materna às futuras gerações e o direito de se fazê-lo.

3. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, dedicamo-nos ao estudo das atitudes linguísticas dos pomeranos para com as línguas de imigração e oficial. As entrevistas revelam que a comunidade linguística mostra-se inteiramente favorável ao bilinguismo: todos afirmaram que é importante falar ambas as línguas, inclusive, os informantes do grupo IV, que fazem uma ressalva: eles aceitam a chegada do português, mas rejeitam veementemente a saída da língua pomerana, que, em sua opinião, não deve ser perdida.

Apesar da total receptividade ao bilinguismo, pudemos notar uma diferença quanto às atitudes linguísticas. O G-IV demonstra que gosta de ambas as línguas, porém mais do pomerano, até porque é aquela que eles conhecem melhor. No G-I acontece o inverso: ele gosta de ambas, mas um pouco mais do português. O preconceito linguístico se mostrou responsável pelo estigma que o pomerano carrega junto ao G-II. As competências em pomerano do G-I e G-II são criticadas pelos grupos mais velhos, que acreditam que eles estão parando de falar a língua. Quanto à mistura de línguas, é uma prática comum dos grupos I, II e III, mas não do G-IV, que vê essa prática com desconfiança.

A comunidade linguística pomerana mostrou satisfação com a valorização de sua língua: 100% de nossos entrevistados são a favor da cooficialização e do ensino da língua pomerana no âmbito escolar. Eles acreditam na ajuda que essas medidas darão à manutenção do pomerano. Tendo entendido que o pomerano é também um brasileiro, atualmente faz parte da identidade pomerana, ser bilíngue português/pomerano. Esse

bilinguismo mostra o poder de reinvenção das tradições e a adaptação da cultura diante de uma sociedade em transformação.

Seria muito prejudicial, para a manutenção, o purismo linguístico; dizer, por exemplo, que são contra a entrada do português na comunidade. Embora, haja certa desconfiança para o avanço do português, eles são favoráveis à inclusão do português no repertório linguístico da comunidade, na forma de bilinguismo. Todavia, acima de tudo isso, estão a admiração e o envolvimento da comunidade para com a sua língua. Com obstinação, eles pregam a transmissão do pomerano às futuras gerações. Essa consciência e luta em prol da língua é crucial para a manutenção da mesma.

Portanto, estamos diante de uma língua de imigração que venceu a *Lei da Terceira Geração* (WEINREICH, 1970 [1953]), que conseguiu atender às necessidades linguístico-comunicativas de seus falantes em dois espaços completamente diferentes – Pomerânia e Brasil -, em tempos/séculos muito distintos e com pessoas muito diversas. Essa lealdade do povo para com sua língua é muito expressiva no processo de manutenção linguística. Nosso dever agora para com a comunidade pomerana é, primeiro, o respeito e, segundo, o apoio e a ajuda. Não podemos deixar que essa língua, com toda a sua história e sua cultura, seja esquecida.

Sociolinguistic analysis of maintenance of Pomeranian language in Caramuru, Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo

ABSTRACT: This sociolinguistic research aims to investigate the maintenance of Pomeranian spoken over 150 years in Caramuru, Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo. To this end, we make use of participant observation and interviews with 40 informants born and living in the locality, ranked according to their gender / sex, age and education. The results show that the objective factors of maintenance described in the literature of Language Contact can not explain the existence of this immigration language until today. Therefore, it is indispensable to investigate the subjective factors, such as feelings of identity and loyalty to the group and to the language by speakers, to explain the phenomenon.

Keywords: Pomeranian and Portuguese language contact; Pomeranian immigration in Espírito Santo; Maintenance/replacement of minority languages.

Referências bibliográficas

APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Imigrantes**: estatísticas. Disponível em: <http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/estatisticas.html>. Acesso em 16 ago. 2010.

BAHIA, J. **O tiro da bruxa**: Identidade, Magia e religião entre os camponeses pomeranos do estado do Espírito Santo. Rio de Janeiro: Garamond, 2011 [2000].

BAKER, C.; JONES, S.P. **Encyclopedia of bilingualism and bilingual education**. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.

BLOM, J.; GUMPERZ, J. J. O significado social na estrutura linguística. Tradução de Pedro M. Garcez e José Paulo de Araújo. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). **Sociolingüística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002 [1972], p. 45- 84 [humanística].

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La dialetologia**. Tradução: Carmen Morán González. Madri: Visor libros, 1994.

DE HEREDIA, C. Do bilingüismo ao falar bilíngüe. In: VERMES, G.; BOUTET, J. (org.). **Multilingüismo**. Tradução de Celene M. Cruz *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 177 - 220.

EDWARDS, J. **Minority languages and group identity**: cases and categories. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010 [IMPACT: Studies in language and society, vol. 27].

_____. **Language and identity**: an introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2011 [Key topic in sociolinguistic].

FASOLD, R. **La sociolingüística de la sociedad**: Introducción a la sociolingüística. Tradução de Margarita España Villasante e Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor libros, 1996.

FISHMAN, J. A. **Sociología del language**. Tradução de Ramón Sarmiento y Juan Carlos Moreno. Madrid: Cátedra, 1979.

_____. **Handbook of language and ethnic identity**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1999.

FOUGHT, C. **Language and Ethnicity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010 [Key topics in sociolinguistic].

GILES, H. *et al.* Towards a theory of language in ethnic groups relations. In: ____ (ed.). **Language, ethnicity and intergroup relations**. Londres: Academic Press, 1977.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. 11 impressão. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 2001.

HÖHMAN, B. Manutenção e planificação linguística numa comunidade pomerana do Espírito Santo. Um estudo sócio-linguístico. In: BARRETO, M. M. G. S.; SALGADO, A. C. P. (Org.). **Sociolingüística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: homenagem ao professor Jürgen Heye**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 191 - 201.

_____. **Sprachplanung und spracherhalt innerhalb einer Pomerischen sprachgemeinschaft: eine soziolinguistische studie in Espírito Santo/ Brasilien**. Berlin: Peter Lang, 2010.

JACOB, J. K. **A imigração e aspectos da cultura pomerana no Espírito Santo**. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, 1992. (Coleção memórias 3).

JORGENSEN, D. L. **Participant observation: a methodology for human studies**. Califórnia, EUA: Sage publications, 1989.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. (Lingua[gem]; 26).

MARTINS, G.A.; THEÓPHILO, C.R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MATRAS, Y. **Language contact**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [Cambridge textbooks in linguistics].

OLIVEIRA, J.T. de. História do estado do Espírito Santo. 3.ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008 (Coleção Canaã; v. 8).

PERES, E. P. **Aspectos da imigração italiana no Espírito Santo**: a língua e cultura do Vêneto em Araguaia. *Dimensões - Revista de História*, v. 26, p. 44-59, 2011a.

_____. Análise da vitalidade do vênето em uma comunidade de imigrantes italianos no Espírito Santo. *Revista (Con)textos linguísticos (UFES)*, v. 5, p. 83-100, 2011b.

_____. Aspectos sócio-históricos do contato entre o dialeto vênето e o português no Espírito Santo. *Revista (Con)textos linguísticos (UFES)*, v. 8, n. 10.1, p. 53-71, 2014.

POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J. A etnicidade: um novo conceito para um velho fenômeno? In: _____. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 21-32.

RÖLKE, H.R. **Descobrimdo raízes**: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia. Vitória: UFES/Secretaria de produção e difusão cultural, 1996.

SCHAFFEL, E. **Análise sociolinguística do desaparecimento da língua holandesa no Espírito Santo**. -2010. 111f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa) – Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

SCHUMM, G. **Línguas de imigração européia: Pomerano**. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/elb/europeias/pomerano.htm>. Acesso em: 01 nov 2013.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRESSMANN, I. **Da sala de estar à sala de baile**: estudo etnolingüístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo. 2005. 335f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

_____. A Classificação da Língua Pomerana. Santa Maria de Jetibá/ES, 2010. Disponível em: <<http://www.pomerano.com/videos/fatos-historicos-da-imigracao.html>>. Acesso em: 06 jan. 2014.

WEINREICH, U. **Languages in contact**: findings and problems. With a preface by André Martinet. 7th ed. Paris: Mouton & Co. 1970.

Data de envio: 31/10/2014
Data de aceite: 03/04/2015
Data de publicação: 03/08/2015